

# Terremoto político

Haroldo Hollanda

Magalhães não só condenam o comportamento político de Hugo Napoleão, como consideram inevitável sua destituição da presidência do PFL.

Esse pode ser o começo de um novo processo de desagregação interna no PFL, capaz de acabar com o que resta do partido, dividido entre várias correntes e preferências na sucessão presidencial. O senador Marco Maciel e o líder do PFL na Câmara, deputado Ricardo Fiúza, de público manifestam sua solidariedade a Aureliano, mas no fundo estão mesmo com Collor. Sendo que Maciel de forma mais discreta, enquanto Fiúza não esconde, em conversas informais, sua clara simpatia pelo candidato do PRN. Já o senador Jorge Bornhausen levou o partido em Santa Catarina a apoiar a candidatura Afif Domingos. Em Alagoas, o PFL dispõe-se a marchar até com Leonel Brizola, desde que assim consiga inviabilizar a eleição de Collor de Mello, do qual são adversários tradicionais o senador Divaldo Suruagy e o prefeito de Maceió, Guilherme Palmeira.

O comportamento político dos senadores Hugo Napoleão e Marcondes Gadelha é ditado em grande parte pelas dificul-

dades de ordem regional que eles, no Piauí e na Paraíba, teriam para apoiar Collor. O senador Hugo Napoleão vem há tempos advertindo a todos que com ele dialogam que, como o governador do Piauí, Alberto Silva — seu adversário político no Estado —, ficou com Collor, não lhe restaria outra alternativa senão a de acompanhar Brizola, se a outra opção for o ex-governador do Rio. No momento em que despontou no horizonte a candidatura Sílvio Santos, ela passou a se constituir numa solução para esses dois senadores. O mesmo sucede no Maranhão, com o senador Edison Lobão e com toda a família do presidente Sarney pois no Estado a bandeira de Collor de Mello foi empunhada pelo senador João Castelo, que a eles faz oposição.

O grupo político que está com Collor de Mello resolveu a qualquer preço, através de ações judiciais, tentar inviabilizar a candidatura Sílvio Santos na Justiça Eleitoral, com o que desapareceria a ameaça que ronda o candidato do PRN às vésperas do pleito. Se isso acontecer, Sílvio Santos faria a figura do naufrago, que depois de muito nadar, morre ao avistar a praia...

Luís Presidência

O deputado baiano Fernando Santana, do PCB, dizia ontem, numa roda de parlamentares na Câmara, que a candidatura Sílvio Santos tem o efeito de um terremoto político, cujo epicentro se acha localizado justamente sobre a cabeça do candidato Fernando Collor de Mello. Mas a candidatura do empresário de televisão também provoca novos abalos políticos no combalido PFL. Anteriormente, o partido já se achava dividido entre várias candidaturas e abandonou seu candidato, Aureliano Chaves, à própria sorte. Mais grave é a presente crise do PFL, pois seu presidente, senador Hugo Napoleão, e o líder do partido no Senado, senador Marcondes Gadelha, transformaram-se nos principais coordenadores da candidatura de Sílvio Santos à Presidência da República, só que por outra legenda. Não constitui segredo para ninguém que o ministro Antônio Carlos Magalhães lidera a facção do PFL que se empenha pela vitória de Collor de Mello. Mas, paradoxalmente, a candidatura Sílvio Santos nasceu na casa do ministro João Alves, que é o líder do PFL em Sergipe. Contrariados, políticos ligados ao ministro Antônio Carlos

JORNAL O BRASIL

694 NOV 1 0